

Marnoto, Rita (2015). *O Petrarquismo Português do Cancioneiro Geral a Camões*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, pp. 734

Manuel G. Simões
(Università Ca' Foscari Venezia, Italia)

O presente estudo, como o próprio título indica, é o produto da análise exaustiva à incidência do petrarquismo na literatura portuguesa, tendo como *corpus* o percurso abrangente que vai do *Cancioneiro Geral* até Luís de Camões. Isto pressupõe a inclusão das obras de Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda, António Ferreira, André Falcão de Resende, Pero de Andrade Caminha, Diogo Bernardes e da égloga *Crisfal*, sem esquecer a produção manuscrita que circulava através dos chamados 'cancioneiros de mão', perseguindo uma metodologia que adota «uma linha histórico-literária com remissão para fenómenos pontuais de descontinuidade» (p. 31).

Tal análise recupera necessariamente trabalhos fundamentais de Rita Marnoto, de que se citam, entre outros, *O Petrarquismo Português do Renascimento e do Maneirismo* (dissertação de doutoramento, 1994 e publicada em 1997), passando por inúmeros estudos parcelares de que é forçoso mencionar «A figura feminina petrarquista em Camões» (1996), «Il petrarchismo in Portogallo» (2001), «'Dove Petrarca scrisi. Loco beato'. Petrarchismo transculturale» (2004), «O cancioneiro petrarquista e a edição das 'Obras' de Sá de Miranda de 1595» (2004), «Petrarca em Portugal. *Ad eorum littus irem*» (2005), «A forma cancioneiro e as 'Rimas' de Camões de 1595 e 1598» (2009), não esquecendo os artigos «Petrarquismo» e «Petrarquismo em Camões», que preparou para o *Dicionário de Luís de Camões* (2011). Diga-se desde já, porém, que a importância destes trabalhos no volume aqui em apreço não significa uma compilação ou síntese, visto que, na verdade, esses estudos representam o ponto de partida para esta obra monumental que, por isso mesmo, se apresenta como suma exegética do 'petrarquismo português' do século XVI.

Nesta visão de conjunto, a estudiosa começa justamente por analisar o fenómeno do petrarquismo, seus confins e sua dimensão própria no espaço português. E não se exime a enunciar as 'linhas gerais do petrarquismo' como código que se inscreve «num devir histórico-literário propulsionado por densos cruzamentos sistémicos» (p. 79), o que deixa entender a re-

construção crítica que não ignora a vastíssima bibliografia sobre o tema, de resto oferecida no final do volume.

A lírica de Petrarca, como é sabido, traduz uma experiência existencial tão estimulante que seria difícil não deixar ressonâncias noutras geografias literárias. Para isso contribuíram veículos de transmissão como a difusão de manuscritos e, neste sentido, Alcobaça deve ter sido, na área portuguesa, uma das instituições mais beneficiadas a partir de Claraval, sem «excluir a hipótese de que Petrarca tivesse sido conhecido [...] através de códices miscelâneos incluídos na bagagem de tantos estudantes portugueses que procuraram o lustro das *humanae litterae* nas universidades italianas» (p. 33). O ‘espírito do tempo’ determinou que a recepção petrarquista em Portugal, considerada cronologicamente, tenha incidido em duas obras exemplares do século XV, como o *Orto do Esposo* e o *Boosco Deleitoso*, recuperando o carácter moral, ascético e edificante do *De Vita Solitaria*, incluindo o ‘sentimento da natureza’, aspecto de grande impacto na literatura portuguesa da época. Como refere pertinentemente Rita Marnoto: «o domínio que mais cedo se mostra recetivo ao petrarquismo é o sentimento do tempo e da natureza [...] com recurso a categorias abstratas e quadros fixos» (p. 168), adaptados mediante um apreciável trabalho retórico que prevê a ascensão metafórica induzida pela exposição conceptual. O mesmo é dizer que os ‘imitadores’ de Petrarca se aproximaram progressivamente do modelo, na medida em que confiaram à prática da poesia o conhecimento de si e do seu mundo, e uma profunda e essencial função social. Neste aspecto, o grande mérito deste trabalho consiste na análise minuciosa das formas de expressão retórica, por exemplo, para concluir quanto essa aproximação foi ‘refinada e segura’, embora se reconheça que a prática da imitação implica a introdução de diferenças muito significativas.

Ao verificar o caso de Camões, entre muitos outros, Rita Marnoto constata como o autor português é o grande poeta europeu que «inscreve no dissídio petrarquista uma instância dialética de distanciação e reaproximação entre os polos em conflito» consigo mesmo (p. 608). Há, porém, um inegável traço de união que liga, em síntese, os autores do Renascimento português e Petrarca: a revisitação da poesia precedente e a própria experiência existencial e poética, reservando ao leitor, mesmo contemporâneo, a reconstrução da densidade de sentido – parte fundamental do prazer do texto.